♥ Capítulo 1

O ginásio devia ser o meu porto de abrigo. O lugar onde relaxo, recarrego energias e reflito sobre maravilhas e mistérios aleatórios, como por exemplo: quão delirante estaria eu, por volta de 2011, para pensar que podia usar o cabelo com risco ao meio?

É por isso que estou igualmente horrorizada e chocada por a minha rapidinha pós-separação do Tinder, Joe, saltar para a passadeira à minha direita.

Preparo-me para uma saudação estranha e desajeitada, mas, felizmente, parece fixar toda a sua atenção no ecrã tátil da passadeira. Enquanto ele pressiona o mostrador para aumentar a velocidade, eu capto um odor a *eau* de cão molhado. Ele olha não-tão-subtilmente na minha direção antes de desviar os olhos.

Certo, o Joe do Tinder teve a gentileza de me chamar um Uber depois do nosso caso medíocre de um-quarto-de-noite, há duas semanas. Mas é uma coincidência enorme virmos parar ao mesmo ginásio, em Boston inteira. Pergunto a mim mesma se ele me perseguiu. Talvez o tenha maravilhado na cama? De tal forma que ele deu uma de FBI comigo, localizou o meu ginásio e encenou um encontro casual? Dada a minha presença nas redes sociais, não está fora do leque de possibilidades.

Sempre que tem oportunidade, o meu pai avisa-me dos perigos de publicar o meu paradeiro no Instagram, com receio de que seja

raptada e vendida para escravidão sexual, ao estilo *Taken — Busca Implacável*. Exceto que o meu pai não é nenhum Liam Neeson. Ele não tem «habilidades especiais», além da sua lendária receita de frango com sésamo. E, enquanto o Ginásio *Excalibur Fitness* continuar a patrocinar a minha adesão em troca de promoção no meu Instagram, estou disposta a arriscar.

O Joe do Tinder e eu fixamos o olhar um no outro mais uma vez enquanto recupero o fôlego no intervalo pós-*sprint*. O nosso olhar dura dois segundos a mais do que é confortável e não posso deixar de notar como o cabelo perfeitamente arranjado de *boy-band* dele permanece suspeitosamente intacto a cada passada de girafa. Quer ele me tenha perseguido até aqui ou não, o meu primeiro instinto é fugir de cena.

É o que faço.

Refugio-me na *Zona Gym Bro*, também conhecida como a zona de treino de força.

Como utilizadora regular do ginásio, troco acenos de cabeça respeitosos com os outros membros ao entrar. Uma multidão familiar de rapazes bombados com esteroides vagueia perto dos bancos de musculação, ao mesmo tempo que emborcam os batidos de proteínas como se estivessem à beira da desidratação. Hoje, estão a usar aquelas camisolas fluorescentes de alças que abrem demasiado por baixo dos sovacos. Para crédito deles, não deixam de ser devotados às suas rotinas diárias. E, depois de ter tido um vislumbre da minha cara de tomate suada no espelho de parede a parede, sob uma forte iluminação fluorescente, não estou em posição de julgar.

Um homem de pernas abertas no banco de musculação grunhe excessivamente, atirando um conjunto de halteres ao chão com um *estrondo* forte. Normalmente, isso deixar-me-ia irritada, mas estou demasiado ocupada a caminhar para uma visão majestosa para me preocupar. O meu adorado *rack* de agachamento está livre. Louvado seja.

O *rack* de agachamento à janela é um de exatamente dois *racks* nestas instalações. Tem vista panorâmica para um clube noturno sebento do outro lado da rua, e há muito que se cochicha que é o ponto de encontro de um bando de motoqueiros assassino. A luz natural é ótima para filmar os meus treinos, especialmente em comparação à alternativa

— o *rack* camuflado na sombra, ao lado do balneário dos homens, que tresanda permanentemente a desodorizante *Axe*.

O *rack* à janela está perto o suficiente do ventilador de tamanho industrial para me permitir saborear uma brisa forte no meio do suor, mas não o suficiente para me fazer sucumbir a uma hipotermia induzida pelo vento. Também se encontra em posição privilegiada para me deixar ficar especada diante da televisão, a qual, por razões desconhecidas, está cruelmente ligada num canal de comida. Eu venero este *rack* de agachamento, da mesma forma que a Mãe Gothel idolatra o cabelo mágico da Rapunzel. Dá-me vida. Vigor. Quatro sequências de agachamentos e ficarei entupida de endorfinas por pelo menos mais um dia, a fantasiar sobre a força das minhas coxas a esmagar as almas de mil homens.

Sentindo-me tonta diante desse pensamento, reivindico a ocupação do *rack*, pousando o meu telefone e auscultadores no chão antes de me dirigir para a máquina da água. O homem com uma pera e bigode, que usa calções de bolsos até ao joelho e um verdadeiro *walkman* da *Sony* dos anos noventa, aproxima-se ao mesmo tempo. Acena-me graciosamente para avançar à sua frente.

Mostro-lhe um sorriso de gratidão.

— Obrigada.

As minhas costas ficam voltadas durante os três segundos em que dou um gole. Hidratada de fresco e ansiosa por fazer uns agachamentos, viro-me para dar de caras com uma figura de ombros excecionalmente largos que está a alongar-se diretamente em frente ao meu *rack* à janela.

Nunca tinha visto este homem antes e tenho a certeza de que me lembraria bastante bem dele, se o tivesse feito. Ele é alto, bem mais de um metro e oitenta, com uma construção muscular que preenche generosamente a sua modesta *T-shirt* cinzenta e os calções de desporto. Um olhar sobre os seus enormes bíceps e fica claro que está bem familiarizado com o ginásio. Um boné preto com um logótipo irreconhecível sombreia-lhe a cara. De lado, o nariz tem um ligeiro alto, como se já tivesse sido partido antes.

Eu apareço ao seu lado para agarrar no meu telefone, demorando-me mais uns instantes de propósito para transmitir a mensagem de que este *rack* está OCUPADO. Ele não percebe a mensagem. Em vez disso, prepara-se para apertar as mãos enormes em volta do haltere, as sobrancelhas unem-se em intensa concentração.

Ou está a ignorar-me por completo, ou não reparou genuinamente na minha presença. O ritmo ténue da música é audível através dos auscultadores dele. Não consigo identificar a canção, mas soa a *hard-core*, tipo um ritmo *heavy-metal*.

Aclaro a garganta.

Nenhuma reação.

— Desculpa — grito, a aproximar-me.

Quando o olhar dele encontra o meu, sobressalto-me, dando instintivamente meio passo atrás. Os olhos dele são de um verde-floresta impressionante, como uma extensão de pinheiros densos a varrer terrenos montanhosos nebulosos e intocados na natureza. Não que eu saiba por experiência própria. A minha exposição à natureza selvagem está limitada ao *Discovery Channel*.

Estou quase hipnotizada pela intensidade dos seus olhos, até que ele ladra um «Sim?» antes de, relutante, remover o auricular do ouvido direito. A voz dele é profunda, rouca e brusca, como se não quisesse que o incomodasse. Levanta momentaneamente o boné, revelando mechas onduladas em loiro-escuro que encaracolam na nuca. Faz-me lembrar os penteados desgrenhados usados pelos jogadores de hóquei, do tipo que só dá vontade de passar os dedos. E ele faz exatamente isso. A minha garganta seca de forma instantânea quando ele alisa a sua juba densa com a mão antes de voltar a pousar o boné no cimo.

Ignorando deliberadamente o sobressalto na base do meu estômago, aceno com a cabeça em direção aos meus auscultadores largados à pressa na base do *rack*.

— Eu estava aqui primeiro.

De expressão gelada, ele levanta uma sobrancelha forte, olhando-me com desprezo, tal como os manos do ginásio tendem a fazer quando as mulheres se atrevem a tocar naquilo que eles consideram ser o equipamento deles.

— Não vi as tuas coisas.

Sem me deixar abalar pelo desdém dele, dou um passo confiante em frente, mantendo a legitimidade da minha reivindicação. Quando estamos quase peito com peito, ele eleva-se sobre mim como um gigante, o que é mais intimidante do que eu tinha antecipado. Espero que ele recue, que veja o erro nas suas maneiras, que perceba que está a ser um idiota, mas ele nem sequer hesita.

Engolindo o nó que sinto na garganta, volto a encontrar a minha voz.

— Eu demoro só uns minutos, no máximo. Ou até podemos ir alternando?

Ele desvia-se para o lado. Por um segundo, penso que está a ir-se embora. Estou prestes a agradecer-lhe pela sua gentileza e humanidade… até que ele se atreve a carregar um lado da barra com um prato de 20 quilos, os bíceps tensos contra o tecido da *T-shirt*.

— A sério? — Olho fixamente para ele, com as mãos nas ancas, o olhar fixo nos seus lábios macios e cheios, que contrastam com a linha dura do maxilar de barba por fazer.

— Olha, preciso de começar a trabalhar daqui a meia hora. Não podes simplesmente usar o outro *rack*? Está livre.

Enquanto equilibra impiedosamente o *rack* com outro prato, ele mal me dispensa um olhar de relance, como se eu não passasse de uma mosca doméstica irritante.

Orgulho-me de ser uma pessoa razoável. Aceno aos outros carros para passarem à minha frente em cruzamentos de quatro vias, mesmo que tenha prioridade. Insisto sempre para que os outros saiam dos elevadores à minha frente, tal como os meus pais me ensinaram. Se ele ao menos tivesse sido educado, minimamente decente, ou estivesse mesmo só um bocadinho arrependido, provavelmente tê-lo-ia deixado ficar. Mas ele não demonstrou nada do que acabei de enunciar, de modo que estou abalada.

— Não — digo, por princípio.

O maxilar dele aperta-se enquanto pousa os antebraços sobre a barra. A forma como se inclina para ela, com uma postura ampla e corpulenta, é um movimento puramente territorial. Dá-me um último e indignado encolher de ombros.

— Bem, eu não vou sair daqui.

Estamos presos num olhar com mais nada a não ser o som ténue da Katy Perry a cantar sobre ser «um saco de plástico à deriva no vento» no sistema de som do ginásio e um homem a grunhir na máquina de pernas a alguns metros de distância para suprimir o silêncio. Os meus olhos estão secos e com comichão pela minha recusa em pestanejar, e a intensidade do olhar fixo dele não oferece sinais de fadiga.

Quando a Katy Perry se dissipa, substituída por um anúncio promocional do *Excalibur Fitness*, eu solto um meio suspiro, meio grunhido. Este gajo não vale a minha energia. Recupero os meus auscultadores do chão e dirijo-me em passos fortes para o *rack* menos desejável, mas não sem antes lhe atirar um último olhar demoníaco.

11h05 — PUBLICAÇÃO DE INSTAGRAM: «IDIOTAS QUE PENSAM QUE SÃO DONOS DO GINÁSIO» POR **CURVYFITNESSCRYSTAL:**

Conversa séria: Esta manhã, um idiota arrogante com um cabelo mais bonito do que o meu roubou-me insensivelmente o meu *rack* de agachamento. Quem é que faz isso? E, se és culpado deste crime, QUEM É QUE TE FEZ MAL?

Não o conheço pessoalmente (e não quero conhecer), mas pareceu-me o tipo de pessoa que odeia cachorrinhos e alegria em geral. Tu conheces o género. Enfim, acabei por canalizar toda a minha raiva para o meu treino, enquanto ouvia o meu som do momento, *Fitness* da Lizzo (confia, esta canção é fogo).

Pensamentos finais: A maioria das pessoas no ginásio não é imbecil. Juro. 99 % são superprestativas e respeitosas, mesmo os rapazes em bando com esteroides!

E, se encontrares esse infeliz 1 %, basta que te mantenhas afastado.

Nunca lhes dês poder sobre ti ou sobre a tua jornada de *fitness*.

Obrigada por ouvires a minha *TED Talk*,

Crystal

Comentário de **xokyla33**: SIM miúda! Tens tantaaaa razão. Fica na tua!! ♡

Comentário de **_jillianmcleod_**: Por esse motivo é que simplesmente não me sinto confortável a treinar no ginásio. Ia preferir treinar em casa. ♡

Comentário de **APB_rockss**: Tu promoves a aceitação das tuas curvas/medidas, mas tudo o que fazes é treinar e viver no ginásio? Um bocado hipócrita, não?? ♡

Resposta de **CurvyFitnessCrystal**: @**APB_rockss** Na verdade, eu passo uma hora por dia a treinar no ginásio. Dedicares tempo a ti próprio todos os dias, seja no ginásio, a caminhar ou num banho de espuma é imensamente benéfico em todos os aspetos da tua vida, incluindo a saúde mental. Além disso, podes amar o teu corpo e ir ao ginásio ao mesmo tempo. Uma coisa não exclui a outra. ♡



Depois do desabafo incoerente de ontem no Instagram, tomei um muito necessário banho de espuma em busca da minha alma. A minha resposta à pessoa que me chamou hipócrita provocou, sem querer, um debate feroz de proporções épicas entre os meus leais seguidores e os meus *haters*. Tento não prestar um pingo de atenção aos *trolls*, mas depois do Ladrão de *Racks* de Agachamentos e dois copos de *merlot*, estava a sentir-me um bocado combativa. E já estava a acumular-se há meses.

Durante sete anos, esforcei-me por quebrar estereótipos nocivos e gordofóbicos na indústria do *fitness*. Construí uma base de duzentos mil

seguidores no Instagram com a minha mensagem de amor-próprio, independentemente do tamanho. O drama sobre eu ser «demasiado grande» para ser *personal trainer*, mas «não suficientemente grande» para representar a comunidade mais gordinha é típico no abismo da secção de comentários. Não existe meio-termo.

As críticas rudes ao corpo e os ocasionais insultos racistas tornaram-se mais comuns com o crescimento dos meus seguidores. A bem de manter uma mensagem positiva, ignorei os comentários de ódio. O facto é que adoro as minhas curvas. Na maior parte das vezes. Sou só humana. De vez em quando, os *trolls* conseguem atravessar a minha armadura. Quando isso acontece, concedo-me um curto período de graça para chafurdar. Depois, presenteio-os com um proverbial dedo do meio na forma de fotografia provocante.

Mas ontem à noite, algum tempo antes de a minha bomba de banho com brilho de arco-íris se dissolver por completo, ocorreu-me que os meus seguidores são talvez igualmente, se não até mais, feridos pelos comentários. Se quiser permanecer autêntica e fiel à minha plataforma de corpo-positivo, talvez seja altura de começar a manifestar-me.

O treino de hoje é o momento perfeito para ruminar sobre a minha estratégia.

Mas, para meu desagrado, o Ladrão de *Racks* de Agachamentos está de volta, pelo segundo dia consecutivo. Ele está a alongar-se na *Zona Gym Bro*. Será que era preciso ter aquelas coxas tão magníficas?

Ele afunila o olhar na minha direção, conforme eu danço pelos torniquetes. Instantaneamente, a expressão dele vai do neutro para um franzido profundo, como se a minha mera presença lhe tivesse estragado o dia inteiro.

Olho-o de lado antes de desviar a minha falsa atenção para as citações motivacionais genéricas estampadas na parede num tipo de letra agressivamente ousado: *Se não te desafia, não te vai mudar.*

Evitá-lo durante o meu treino é mais difícil do que esperava. Onde quer que vá, ele aproxima-se da minha periferia, ocupando espaço precioso com o seu corpo gloriosamente musculado.

Quando acordei esta manhã, passou-me pela cabeça que ele podia ser um novato do *Excalibur Fitness* que ainda não tivesse aprendido o conceito

de etiqueta de ginásio. Estava completamente decidida a dar-lhe o benefício da dúvida. Talvez ele estivesse apenas a ter um mau dia. Talvez tivesse passado a noite inteira a olhar para o vazio, atormentado pelo arrependimento. Sabe Deus que já tive a minha quota-parte de treinos de fúria.

Todas estas possibilidades perdem legitimidade quando ele conspira para me superar na bicicleta vizinha. Quando o apanho a olhar para o meu ecrã, canalizo o meu Anjo de Charlie interior e acelero a todo o gás.

Na marca das vinte calorias, ambos paramos, ofegantes, debruçados sobre as pegas. A minha maquilhagem «ao natural» provavelmente derreteu por inteiro, e estou a ver manchas. Mas o meu esforço valeu a pena — venci-o por um total de 30 metros. Ele praticamente fervilha quando lê o meu ecrã. Claramente incapaz de lidar com a minha vitória, amua, retirando-se prontamente para as máquinas.

Nem meia hora depois, é oficialmente fim de jogo quando o vejo afastar-se da prensa de pernas sem se preocupar em limpar o assento. Os lugares mais escuros do inferno estão reservados para aqueles que não limpam as máquinas após a utilização.

Obrigada a falar em nome de todos os membros do ginásio cumpridores das políticas de higiene, pouso os meus halteres e marcho em frente.

Ele está concentrado enquanto faz uma sequência de elevações sem esforço. Eu estou de pé, boquiaberta, involuntariamente hipnotizada pelos músculos tensos e definidos dos braços dele, que fletem a cada movimento.

Ele dá-me uma vibração de Chris Evans, mas com as mechas ligeiramente mais longas e exuberantes. Não sei se é o brilho nos seus olhos semicerrados ou as covinhas, mas ele tem um ar jovial que o faz parecer um pouco fácil de abordar quando não está a fitar-me carrancudo.

Quando me apanha especada a olhar para ele, como uma fã louca sedenta por uma *selfie*, ele para, pendurado na barra.

— Como está a vista aí de baixo?

Estou prestes a dizer que é *divinal*, porque é inteiramente verdade e porque tenho o defeito de elogiar pessoas. Faço disso carreira. Mas a última coisa de que este tipo precisa é de um aumento de confiança.

Faço, de forma consciente, uma linha fechada com a boca, reproduzindo a expressão severa da minha mãe quando está extremamente desapontada com as minhas escolhas de vida. Seguro numa toalha de papel, generosamente pré-borrifada com desinfetante, para conveniência dele, claro.

— Estás a esquecer-te de alguma coisa?

Ele pestaneja.

— Que eu saiba, não.

— Esqueceste-te de limpar a prensa de pernas.

Ele solta a barra, fazendo uma aterragem suave enquanto olha para a toalha de papel apertada entre os meus dedos como se tivesse sido mergulhada em ácido sulfúrico.

— Andas a controlar o meu treino, ou algo do género?

— Não — digo, talvez demasiado na defensiva. — Mas precisas de limpar as máquinas, quando acabas de as usar. É uma regra aqui. As pessoas não querem tocar no teu suor seco.

No interior, sinto-me a encolher. Mais valia ter também o corte de cabelo que diz quero-falar-com-o-gerente. Mas agora não posso recuar. Na verdade, insisto mais um pouco, apontando para o sinal na parede à nossa direita que diz «Por favor, limpe as máquinas após a sua utilização».

Ele nem sequer olha para o sinal. Em vez disso avalia-me, de braços cruzados sobre o peito amplo.

— Eu ainda não acabei de usar a máquina. Não estás familiarizada com as supersequências? Sabes, quando percorres múltiplos exercícios de forma consecutiva…

— Eu sei o que é uma supersequência! — exclamo.

Sinto foguetes de calor desde o fundo da barriga até às bochechas quando percebo que o chamei à atenção injustamente. Isto é mortificante. Gostava de poder desaparecer silenciosamente para um buraco obscuro e deixar de existir. Talvez isto seja uma retribuição cósmica por não me cingir ao que me diz respeito.

Ele mostra-me um sorriso trocista de conhecedor e pavoneia-se de volta a outra sequência.

Como se esta interação dolorosa nunca tivesse acontecido, esquivo-me para a obscuridade para filmar o meu tutorial de treino de costas

na máquina de cabos. É uma excelente oportunidade para promover o meu patrocínio de roupa de treino resistente ao suor.

Estou a meio da filmagem de dez puxadas de cabos quando o Ladrão de *Rack*s de Agachamentos se materializa do ar. Decide estacionar o seu corpo maciço diretamente à frente da câmara, de todos os lugares possíveis, bloqueando a filmagem. Na minha fúria silenciosa, perco toda a concentração, sem conseguir recordar-me se estou na primeira repetição ou na décima.

Ele inclina-se preguiçosamente contra a máquina, com um sorriso presunçoso que começo a pensar ser a expressão natural da cara dele.

— Sim? — pergunto entre dentes cerrados, irritada com a perspetiva de voltar a filmar o segmento inteiro.

Ele faz aparecer uma toalha de papel de trás das costas, abanando-a em frente da minha cara.

— Aqui tens. Para não te esqueceres de limpar o assento.

O tom sarcástico combinado com o escárnio diz-me que ele não está a fazer isto pela bondade no seu coração. Este é um ato de agressão hostil, que cimenta a nossa rivalidade.

Antes que eu consiga formular uma resposta cortante, ele deixa cair a toalha de papel no meu colo e valsa em direção ao balneário.

♥ Capítulo 2

O Ladrão de *Racks* de Agachamentos agraciou o *Excalibur Fitness* com a sua presunção pelo terceiro dia consecutivo. Designei-o oficialmente como o meu arqui-inimigo do ginásio.

Estou aqui há menos de meia hora e já estou a fantasiar em borrifá-lo «acidentalmente» com uma garrafa de desinfetante químico.

Tudo começou com um encontro infeliz à entrada. Em silêncio, ele manteve a porta aberta para mim e para outro membro, como se estivesse subitamente transformado num cavalheiro cortês. Eu franzi-lhe o sobrolho, passando cautelosamente enquanto tentava não lhe admirar o rabo musculado por mais de um segundo.

Acontece que o meu ceticismo em relação ao cavalheirismo dele foi bem fundamentado. Aparentemente, ele está limitado a um ato de bondade por dia (ou assim me pareceu), porque, nem quinze minutos depois, passou à minha frente na máquina da água, onde encheu uma monstruosidade de garrafa de água cheio de vagar. Até à borda.

Depois de me roubar, sem se desculpar, o meu lugar na fila, apressou-se até ao banco de supino, como uma versão vagamente mais *sexy* do Super-Homem, para ajudar a Patty, uma idosa regular no ginásio que nunca perde uma oportunidade para se queixar a todos ao redor das várias falhas do ginásio (a temperatura «frígida», a música de «rufias», e a falta de «ambiente»). Quando o Ladrão de Racks de Agachamentos

lhe exibiu um sorriso semiautêntico e angelical, depois de a ter salvado de ser esmagada pela barra, tive de me equilibrar. Será que este homem sofre de dupla personalidade?

Desloco a minha atenção da sua pessoa egocêntrica e ainda bastante confusa para a Mel, a minha nova cliente presencial. Estamos a trocar histórias de horror do Instagram durante uma pausa rápida após um circuito de bíceps e tríceps.

— Havia um gajo que me enviou fotos da pila todos os dias durante meses, depois de eu ter publicado uma fotografia de biquíni — ela contorce a boca, engasgada com a memória enquanto me mostra a foto no telefone.

Inclino-me para a frente, fingindo curiosidade, fazendo de conta que ainda não vasculhei a conta dela toda até 2012. A foto está enquadrada na perfeição. Ela está a sorrir com o olhar para longe, o cabelo exuberante enrolado em canudos caído sobre um ombro, as pernas penduradas no que parece ser uma piscina de telhado exclusiva e luxuosa apenas para pessoas bonitas. Está com um biquíni vibrante rosa Barbie.

A Mel é uma das poucas influenciadoras de moda, beleza e estilo de vida do Instagram que não é um tamanho zero. Todas as fotos dela são perfeitamente pensadas com o pano de fundo do seu apartamento todo branco e ultramoderno, com arranjos florais frescos, pormenores em pastel e elaborados *brunchs* semanais. Tinha estado reticente em aderir ao ginásio durante anos devido a uma lesão no joelho provocada por um salto alto, mas pediu-me um plano de fortalecimento muscular, depois de descobrir que ambas vivíamos em Boston.

Demo-nos bem imediatamente. Ambas temos vinte e sete anos. Ambas chinesas, embora ela seja adotada e eu metade irlandesa. Somos ambas firmes defensoras do movimento de positividade corporal. E também partilhamos uma obsessão sem remorsos por *reality shows*, particularmente tudo o que esteja relacionado com as *Real Housewives*.

— Está bem, raios. Aqui estás com um aspeto incrível. Não que isso seja um convite para fotos de pilas. — Faço uma pausa, de olho na loucura do número de *gostos* na foto.

Ela limpa uma única gota de suor da testa com a sua unha de acrílico perfeitamente polida antes de continuar a história.

— Foi a mais estranha que alguma vez vi. Estava curvada. Como… superdesalinhada para o lado. Como um gancho.

— Um *gancho*? — clarifico, com um guincho assustado.

— Como um gancho de guarda-chuva, Crystal. Sem exageros. Achas que os pénis se podem partir?

Estou prestes a dizer-lhe que não tenho a menor ideia, seguido de um desabafo sobre as fotos de pilas nunca serem atraentes, em forma de gancho ou de outra coisa, quando o Ladrão de *Racks* de Agachamentos se instala no banco ao nosso lado.

A boca dele está curvada para cima em divertimento, o que é chocante, porque desconhecia que aqueles que evocam o espírito do *Darth Vader* fossem capazes de alegria. Pergunto-me quanto da nossa conversa sobre pénis terá ouvido.

Depois do Caso da Toalha de Papel de ontem, jurei não voltar a stressar-me com aquele desconhecido convencido, digno de ser esmurrado. Mas é mais desafiante do que eu esperava quando ele está sentado tão perto, a encher-me o nariz com o seu odor cativante, de recém-lavado, e a atrair a minha atenção para quão maravilhoso fica de camisola com capuz castanha e boné.

Pergunto a mim mesma se o Ladrão de *Racks* de Agachamentos é do tipo de enviar fotos de pila não solicitadas. Assim que esse pensamento completamente infundado fica registado, faço-o deslocar-se para os cantos desertos e empoeirados da minha mente. Porque estou eu a pensar no pénis dele?

Sabem o que dizem sobre pés grandes…

Enquanto ele dá um longo gole na garrafa de água, os nossos olhos fixam-se numa aversão mútua. Parece-se mais como um desafio, persistente antes de o afastar com um piscar de olhos. *Crystal, sê* zen. *Concentra-te na tua paz interior.*

Recentro-me na Mel, que lhe dá uma vista de olhos curiosa.

— Enfim — digo, limpando a garganta para aliviar a tensão —, vamos fazer *sled pushes* a seguir.

Ela faz um esgar. Da última vez que lhe atribuí *sled pushes*, ela passou mal com vómitos e perdeu as extensões das pestanas com o suor.

Encorajo-a ao longo do comprimento do corredor enquanto ela bufa, sopra e murmura asneiras a cada passada esforçada. Espero até que comece o segundo comprimento de volta, mas ela hesita.

— Parece que afinal não tenho de terminar as minhas rondas.

Ela gesticula alegremente para o Ladrão de *Racks* de Agachamentos, que está a exercitar-se descontraidamente com halteres diretamente no meio do trajeto. O trajeto da *Mel*. Quem é que este tipo pensa que é?

A minha boca está bem aberta, como uma mãe das televendas espantada com o detergente que removeu a nódoa teimosa de molho de tomate da sua blusa branca.

— Peço desculpa. Só um instante — murmuro.

De braços cruzados, irrompo em direção a ele, bloqueando a sua tentativa de me contornar com os afundos.

— Não nos viste agora mesmo? Nós estávamos aqui — gesticulo de forma frenética para a Mel, que está a observar com grande interesse, a descansar sobre o *sled*.

Sem dizer uma palavra, ele contorna-me, como se eu fosse um mero desvio, um buraco a evitar na estrada. Estou à beira de lhe chamar imbecil pomposo, mas mordo a língua e afasto-me, a bem de manter a ilusão de profissionalismo em frente da minha cliente.

— Qual é a cena dele? — pergunta-me a Mel, enquanto viro o *sled* horizontalmente, contrariada, na direção de um corredor menos ideal.

— Apenas tem andado a chatear-me.

Faço-lhe um olhar matador, embora ele não repare. Está a meio do exercício, com a cara de convencido vermelha de esforço, *não* lamentando definitivamente o peso das suas transgressões contra mim, como um ser humano decente.

A Mel ergue as sobrancelhas perfeitamente desenhadas.

— Ele olhou-te há bocado. Tipo, por inteiro, da cabeça aos pés, enquanto estávamos a falar de pilas.

— Provavelmente, estava a conspirar para me assassinar.

— Ou estava a despir-te com os olhos.

Se alguém me tivesse sugerido aquilo há anos, teria expressado imediatamente a minha dúvida. Mas agora, após anos a trabalhar em mim mesma e na minha confiança, não duvido.

Apesar de sempre me ter interessado por desporto, nunca tive um corpo de atleta. Herdei os genes da minha mãe. Grande estrutura, musculada, com coxas grossas, mamas, e não me falta rabo — o oposto da minha irmã mais velha e do lado da família do meu pai, todos eles magros e pequenos.

Para mim, não estava reservada uma percentagem baixa de gordura corporal nos genes. Aceitar esse facto e chegar a este lugar levou algum tempo. Agora concentro-me exclusivamente na desconstrução do estigma, e na desmistificação do ginásio para pessoas que podem não ter sentido de pertença. Dou prioridade ao objetivo da confiança. Não a défices calóricos, e definitivamente *não* ao número na balança.

— Mel, só mais três voltas — instruo como uma durona, mudando o assunto por completo. — Um final em grande antes da noite de raparigas.

O glorioso plano desta noite para voltar a ver uma comédia romântica na Netflix com a minha irmã, Tara, é mesmo o que preciso depois de todo este drama do ginásio e do Instagram.

O Ladrão de *Racks* de Agachamentos persiste na minha visão periférica enquanto sigo a Mel pelo corredor. Descansa encostado a uma máquina, recuperando o fôlego. Quando me viro ao encontro do seu olhar, ele mostra-me um sorriso estúpido.

Tinha toda a intenção de ser uma adulta madura. Tinha mesmo.

No entanto, depois de refletir sobre o roubo do corredor, nos cinco minutos após a Mel deixar o ginásio, só conseguia ver a expressão de chico-esperto do Ladrão de *Racks* de Agachamento. A mesma que tinha quando me passou à frente na máquina de água e quando agitou a toalha de papel na minha cara.

Fui fraca durante grande parte da minha vida. Na escola primária, deixava as outras miúdas terem prioridade para escolher as minhas próprias Barbies (acabei por ficar com o Ken noventa e cinco por cento das vezes). Fui relegada, nas festas temáticas de aniversário, para a *Spice Girl* menos favorita (a *Posh Spice*). Deixei sempre os procrastinadores copiarem

os meus trabalhos de casa dois segundos antes da aula, no secundário. E pior, faltava-me a capacidade para falar ou exigir o contrário.

Quando, na faculdade, descobri o ginásio e a comunidade de *fitness*, jurei que isso ia mudar. Aqui no ginásio, não sou servil. Sou forte e capaz. Recuso-me a deixar as pessoas passarem por cima de mim, especialmente este estranho enfurecedor e demasiado *sexy*.

Por isso, quando o Ladrão de *Racks* de Agachamento se esqueceu do telemóvel ao passar para o banco de supino, mal sinto a obrigação moral de lho devolver de imediato. Há uma grande probabilidade de começar a suar mais tarde, assaltada pela culpa e pelo arrependimento por isto. Mas depois lembro a mim mesma: Ele estava a pedi-las. Era apenas uma questão de tempo até que eu me passasse. Ele merece transpirar um bocado.

Imagino-me a fugir com o telemóvel dele em direção ao pôr do sol num carro de luxo, a rir-me loucamente enquanto carrego no acelerador. Depois, lembro-me que não sou uma criminosa mesquinha. Tenho valores. É exatamente por isso que escondo temporariamente o telemóvel no meio da prateleira a transbordar de cordas de salto, acessórios aleatórios e pegas para os cabos, apenas para garantir que está a salvo de ser esmagado debaixo dos ténis de corrida de alguém.

Satisfeita com a minha boa ação, encaixo o meu próprio telemóvel no tripé e começo a filmar a minha última ronda abdominal inferior, que envolve torções sentadas, pontapés flutuantes e elevações de pernas suficientes para meter a Jillian Michaels fora de cena.

Estou a meio do treino quando aparece uma figura grande acima de mim.

É ele.

Ajoelha-se sobre o tapete, de lábios apertados, olhos verdes vibrantes a disparar raios *laser* contra mim. Deste ângulo, tenho uma visão pormenorizada da espessura das pestanas dele. São injustamente longas e exuberantes para o género masculino.

Ele está tão perto, o seu cheiro a fresco e lavado, misturado com testosterona, baralha-me os sentidos. O cheiro a suor normalmente não é apelativo, mas, nele, é estranhamente viciante. Coíbo-me de inalar de propósito, como uma viciada.

— O que fizeste com o meu telemóvel? — pergunta ele, calmamente, ao mesmo tempo que as minhas pernas pousam no tapete. Ele arruinou o meu vídeo. Outra vez.

Sou dominada por uma expressão de olhos de corça, digna de um concurso de beleza. Chego a lançar-lhe um piscar de olhos inocente e lento para um efeito mais dramático.

— Não sei do que estás a falar — ponho-me de joelhos para o encarar, pronta para um confronto.

Ele não cai no meu teatro.

— Eu sei que o levaste. Deixei-o aqui há cinco minutos.

— As pessoas têm tendência a roubar coisas neste ginásio. Como os *racks* de agachamento, por exemplo. Como é que sabes que não foi outra pessoa qualquer que o roubou?

— Porque sim. — Os olhos dele percorrem a minha cara, à procura de qualquer sinal de fraqueza, como um detetive de homicídios que «não está para merdas». — Estás a sorrir. Estás a respirar com dificuldade. E estás a evitar o contacto visual.

Por muito justificado que seja, a dissimulação nunca foi um dos meus pontos fortes, mesmo que não o tenha realmente roubado. Para manter as mãos ocupadas, volto a apertar o meu carrapito desalinhado.

— Olha, Nancy Drew, estou a tentar filmar um tutorial de abdominais. Importas-te?

Estou prestes a ceder e a apontar para a prateleira onde o telemóvel está escondido, mas fico momentaneamente distraída com o olhar dele a cintilar em direção ao *meu* telemóvel, que ainda está a gravar. Num movimento suave, ele arranca-o do tripé e deixa-o cair no bolso dos calções.

Dou um solavanco para a frente, mas é demasiado tarde. O meu telemóvel desapareceu, bem dentro das profundezas longínquas das regiões baixas dele.

— Ei! Mas que raio?

Os lábios dele curvam-se num sorriso satisfeito.

— Não vou devolvê-lo até que me digas o que fizeste com o meu telemóvel.

Não deixo que aquele sorriso hipnotizante me abale. Isto é guerra. Não vou ceder.

— Preciso do meu telemóvel.

— Também eu — diz ele, suavemente.

— Para quê, para o Tinder? — Neste preciso instante, estou a ser uma completa e total hipócrita. Aliás, o Joe do Tinder está uma vez mais na passadeira enquanto falamos.

Ele escarnece:

— Na verdade, não. Para coisas importantes.

— Bem, eu também uso o meu para *coisas importantes*. Sou *fitstagrammer*.

Não faço ideia do que me deu para revelar a minha profissão. Ele podia usar aquilo contra mim. Ou pior, gozar comigo. Estou à espera que ele bufe em desdém ou que me olhe de cima a baixo, incapaz de compreender como é que alguém como eu está qualificado para dar conselhos de aptidão física.

Mas não o faz. O olhar dele mantém-se inabalável.

— Eu também preciso do telemóvel para trabalhar.

Estou tentada a perguntar-lhe o que é que ele faz. Imagino que seja algo físico. Talvez seja lenhador. Ou duplo do Capitão América. Ou talvez um modelo com beicinho de roupa interior estampada em preto e branco num cartaz em Times Square. Mas, por outro lado, ele não é suficientemente bonito para ser modelo. Talvez seja algum tipo de jogador de hóquei semiprofissional, tendo em conta a profusão de cabelo ondulado.

Com base na minha observação não-tão-subtil (ou flagrante), deduzi que ele pudesse não ser um daqueles manos em bando em camisolas de alças néon. Considero-o um pouco mais velho, talvez nos vinte e muitos, trinta e poucos.

— Precisas mesmo dele para trabalhar? — desafio-o, considerando a sua expressão de aborrecimento uma autêntica conquista na minha vida.

Ele acena de forma seca.

— É um assunto de vida ou morte?

Surpreendentemente, ele diz mesmo «Sim» sem esforço. Agora estou a morrer de vontade de saber o que ele faz. Mas nunca hei de perguntar.

— Prova-o.

— Como?

— Para de me roubar coisas. Máquinas de treino, espaço no chão, o meu lugar na fila da máquina de água. — Aceno com a mão num gesto abrangente à volta do ginásio. Ele interpõe, sarcástico:

— Alguma vez te ocorreu que eu também posso precisar do equipamento ou do espaço? Este não é o *teu* ginásio. — Seguramos um olhar fixo por uns instantes, antes de ele acabar por ceder. — Está bem, eu dou-te o telemóvel de volta. Se me deres o meu. Ao mesmo tempo.

Aceno com a cabeça, levantando-me para desvendar o aparelho dele da prateleira a um par de metros de distância.

— Para que conste, eu ia devolvê-lo antes de te ires embora.

Os seus olhos abrem-se ao ver o telemóvel. Suponho que está apenas grato por eu não o ter deitado pela sanita abaixo, o que, para ser sincera, me passou pela ideia.

Balanço o telemóvel ao nível do peito, agarrando-o de volta antes que ele tenha oportunidade de o varrer das minhas garras.

— Contamos até três?

Ele desce o queixo.

Um.

Dois.

Três.

Ele recupera rapidamente o telemóvel dos meus dedos enquanto simultaneamente segura o meu fora de alcance.

Traidor. Ele tinha de ser do tipo que quebra a santidade de um pacto. O homem não tem valores.

Resmungo.

— A sério? Tínhamos um acordo.

Os lábios dele curvam-se num sorriso de boca fechada.

— Diz-me o teu nome.

— Não revelo o meu nome verdadeiro a estranhos no ginásio.

Quando ele dá um passo em frente, fechando o intervalo entre nós, sinto os ouvidos a latejar devido ao sangue que aflui à minha cabeça.

Ele segura o meu telemóvel em baixo, permitindo, delicadamente, que eu dê uma rápida espreitadela ao ecrã. Ainda está na opção de gravação de vídeo, que é interrompido por uma enxurrada de notificações

de Instagram. Ele sorri como um gato de Cheshire quando aparece o meu nome de utilizador.

— Crystal.

Quando diz o meu nome com aquela voz profunda, suave e sombria, os meus joelhos enfraquecem. Quase me dissolvo no chão.

Apesar de ter um metro e setenta, portanto acima de ser considerada baixa, qualquer tentativa frenética que eu faça para recuperar o meu telemóvel é um fracasso completo. Com o braço estendido, ele segura-o a vários centímetros fora de alcance.

Suspiro.

— Tudo bem, sabes que o meu nome é Crystal. Feliz? Agora devolve-o.

Consigo ver o ecrã o suficiente para perceber que uma mensagem do Tinder acabou de aparecer.

Os olhos dele iluminam-se enquanto a lê em voz alta.

— O Zayn quer saber se te apetece Netflix e relaxar… — Faz uma pausa, semicerrando os olhos para o ecrã, como se estivesse a confirmar as palavras. — *Relaflix*.

— Não respondas! — Volto a lançar-me para o meu telemóvel, mas ele afasta-o ainda mais para acima.

Estou desesperada por preservar a pouca dignidade e controlo que me sobram. Não é que eu conheça o Zayn. Ele é uma correspondência qualquer do Tinder que arrastei para a direita pela simples razão de se parecer com o Dev Patel nas fotografias (desmaio). Mas dada a utilização da palavra *relaflix*, provavelmente trata-se de um *Não* automático.

O Ladrão de *Racks* de Agachamentos parece um vilão da Marvel à beira de aniquilar a Terra e todos os seus habitantes.

— Vou pedir-lhe que defina «Netflix e *relaflix*».

Ocorre-me que ele está a deliciar-se com o meu desespero, como um autêntico psicopata. Na verdade, provavelmente até o estimula, dá-lhe uma espécie de adrenalina. Por isso, mudo de tática.

— Estás à vontade. Quero ver isso.

O meu tom é inabalável. Canaliza confiança, ainda que a última coisa que queira seja um estranho vingativo a enviar mensagens embaraçosas em meu nome.

Infelizmente, o tiro sai-me pela culatra. Ele digita a mensagem e carrega triunfantemente no *Enviar,* inclinando o telemóvel para provar que enviou a mensagem.

— Presumo que sejas bastante familiarizado com o número do Netflix-e-relaxar? — digo.

— Achas que sim, hum?

— Sim.

Ele abana a cabeça.

— Nã. E eu arranjaria uma frase de engate melhor.

Eu meio que troço:

— Dá-me o teu melhor.

Ele sorri e acaricia o maxilar definido, fingindo ficar pensativo.

— Bem, as guerras com GIFs funcionam sempre. Ou talvez usasse uma piada clássica.

— Uma piada clássica? Como por exemplo?

Ele apoia o cotovelo na máquina ao nosso lado.

— Certo… Estás pronta para ser impressionada?

Olho para ele, impassível.

Ele suaviza o rosto todo, a atitude transita de Ladrão de *Racks* de Agachamento para falso-homem-charmoso-com-um-sorriso-hipnotizante diante dos meus olhos. Os dentes são brancos e brilhantes, embora um seja ligeiramente torto na frente, o que o torna um pouco mais humano. As orelhas também se destacam um bocadinho, mas isso apenas aumenta o seu falso encanto.

— Os teus pais são piratas? É que és cá um tesouro!

A minha expressão é de pedra, de modo que não lhe dê uma ponta de satisfação. A piada é foleira. Mas a forma como a diz, com tanta seriedade, está no limite do adorável. No momento em que esse pensamento fica registado, dou um safanão mental a mim própria.

Ele volta a tentar.

— És o meu apêndice? É que esta sensação na minha barriga me dá vontade de te levar a sair.

Os meus abdominais doem-me de suprimir o riso. Isto é um treino de abdominais por si só.

— Uau, isso é horrível a um outro nível. Espero que não as tenhas usado realmente com uma mulher real e viva.

Ele finge ficar ofendido, levando a palma da mão ao peito.

— Eram as minhas melhores. — Dando uma última olhadela ao meu ecrã, agita o meu telemóvel ao nível do peito. — O Zayn respondeu… com uma cara a piscar o olho — diz sem rodeios, entregando-me o telemóvel.

Com velocidade de ninja, agarro-o antes que ele mude de ideias e o mantenha refém para sempre.

— Como te chamas? — As palavras saem-me da boca antes que dê conta do que estou a dizer. Porque é que me interessa saber o nome verdadeiro dele? Ladrão de *Racks* de Agachamento fica-lhe a matar.

Sustenho a respiração, à espera da resposta.

Divertido, ele abre a boca, mas não saem palavras. Em vez disso, limita-se a afastar-se.